



“Bola de Neve”: Um fenômeno pentecostal contemporâneo “SnowBall Church”: a contemporary pentecostal phenomenon

Lidice Meyer Pinto Ribeiro*
Danilo da Silva Cunha**

Resumo

Quase que diariamente presenciamos no Brasil o aparecimento de novas alternativas religiosas, assim como uma intensa fragmentação institucional dentro das igrejas protestantes já estabelecidas. Nesse cenário, surgem igrejas autônomas, voltadas a certos públicos específicos, oferecendo produtos simbólicos mais próximos à realidade desses grupos. Enquadra-se entre as voltadas a “tribos urbanas” específicas a “Bola de Neve Church”, oficializada em 1999. Neste artigo, faz-se a análise antropológica da Igreja Evangélica Bola de Neve, situada no bairro Tatuapé, na Zona Leste da cidade de São Paulo, visando a compreender a estrutura de culto, o perfil dos membros e trabalhando o tipo de comunicação que é utilizada, tendo como método de pesquisa o trabalho de campo, leituras específicas sobre o neopentecostalismo no Brasil e entrevistas e análises pessoais dos membros que ali congregam. Também se levanta a possibilidade de essa igreja, bem como outras voltadas a públicos específicos, poder ser interpretada como uma quarta onda do pentecostalismo dentro da teoria das ondas de Paul Freston, onde imperaria a Teologia da Autonomia.

Palavras-chave: Bola de neve. Pentecostalismo. Protestantismo. Tribos urbanas.

Abstract

In Brazil, we witness the emergence of new religious alternatives almost daily, as well as a strong institutional fragmentation within the established Protestant churches. In this scenario, emerge autonomous churches with target specific audiences, offering symbolic products that match the needs of those audiences. For example, churches focused on "urban tribes" such as "Igreja Evangélica Bola de Neve" ("Snowball Church"), incorporated in 1999, on the Tatuapé neighborhood of São Paulo, SP, Brazil. This article presents an anthropological analysis of "Snowball church", seeking to understand the structure of worship, the profile of members, and the kind of communication that is used in there. The research methodology was field work, targeted readings about neopentecostalism in Brazil, and interviews with church members. It also raises the possibility of this church and others focused on “urban tribes” be interpreted as a fourth wave of pentecostalism in Paul Freston’s wave theory, where a Theology of Autonomy prevails.

Keywords: Snowball. Pentecostalism. Protestantism. Urban tribes.

Artigo submetido em 05 de abril de 2012 e aprovado em 18 de maio de 2012.

* Doutora em Antropologia Social pela USP. Docente do programa de Pós Graduação em Ciências da Religião - Universidade Presbiteriana Mackenzie. País de origem: Brasil. E-mail: lidice.ribeiro@mackenzie.br

** Graduando em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. País de origem: Brasil. E-mail: lidicemeyer@gmail.com

Introdução

Podemos afirmar que o pentecostalismo se implantou no Brasil na década de 1910 com a chegada das igrejas: Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). A partir desse momento, uma série de novas denominações passou a surgir em todo o país, direcionada pela concepção da revelação individual, que abre a possibilidade de, a cada nova interpretação, ocorrer a criação de uma nova igreja. Para compreender e caracterizar melhor esse fenômeno da explosão pentecostal no país, o sociólogo Paul Freston (1993) dividiu esse evento em três fases, ou ondas. A primeira onda começou com a chegada das igrejas mencionadas, estendendo-se até a década de 1950. A ênfase principal das igrejas surgidas nessa fase está no batismo com o Espírito Santo, tendo como evidência a glossolalia, forte observância e controle dos usos e costumes, valorização da profecia e, em menor grau, da cura divina. A propagação dessas igrejas foi se dando através do evangelismo pessoal, com novos grupos surgindo através de pontos de pregação na casa dos conversos. A segunda onda ocorreu nos anos 1950 e 1960, a partir de São Paulo, com as igrejas: do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). Essas igrejas, oriundas de divisões ocorridas nas igrejas da primeira onda, colocam uma ênfase maior na glossolalia como principal dom do Espírito Santo e na cura divina. Além disso, aprimoram as estratégias de pregação, usando técnicas de evangelização em massa, com uso de programas de rádio e cruzadas evangelísticas. Já a partir do fim da década de 1970, temos visto no Brasil o crescimento de igrejas que pregam a teologia da prosperidade ou “confissão positiva”, com ênfase na guerra espiritual e uma liberação dos usos e costumes. Estas são classificadas como neopentecostais situando-se na terceira onda de movimentos pentecostais. A grande mudança ocorre na pregação, onde, aliado à ação de Deus, estimula-se o esforço individual do fiel. Para isso, alguns dos pastores dessas igrejas adotam de discursos psicológicos e filosóficos. Essas igrejas se organizam em forma empresarial, tendo como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça e a Igreja Renascer em Cristo.

Apesar dessa divisão proposta por Freston ser amplamente utilizada, na última década temos presenciado uma nova formatação do pentecostalismo no Brasil. O próprio Freston (1993, p. 126) deixa entrever essa possibilidade de novas reformulações do

pentecostalismo: “Ademais, o pentecostalismo possui uma grande variedade de formas, e cada nova espécie vai enterrando mais alguns mitos a respeito do ‘pentecostalismo’”.

Quase que diariamente, presenciamos no Brasil o aparecimento de novas alternativas religiosas, assim como uma intensa fragmentação institucional dentro das igrejas protestantes já estabelecidas. Nesse cenário, surgem igrejas autônomas voltadas para certos públicos específicos, oferecendo produtos simbólicos mais próximos da realidade desses grupos. Enquadram-se dentre essas as igrejas voltadas para “tribos urbanas” específicas, como: “Bola de Neve Church”, “Caverna de Adulão”, “Crash Church Underground Ministry” e “Igreja Cristã para Todos”.

A antropóloga Léa Perez atribui o surgimento destas igrejas voltadas para nichos sociais à expressão religiosa da sociedade contemporânea:

A recomposição do religioso na sociedade contemporânea dá-se, portanto, sob uma ótica de fluidez que, mais do que se referir a um conjunto de crenças e de práticas, diz respeito a uma sensibilidade religiosa que remete, sobretudo, àquilo que – não importa sob que forma de expressão – nos une a uma comunidade, a uma ambiência, repleta de comunhão, de mistério, de encantamento, enfim, de efervescência. Trata-se de privilegiar o estar-junto, isto é, a dimensão de religação (religare) própria do religioso, como elemento fundamental de sociedade e experimentação do mundo. (PEREZ, 2000, p. 24).

Às características da sociedade pós-moderna, como pragmatismo, libertarismo, individualismo e consumismo exacerbado, somam-se a secularização através da apropriação pelo sagrado de locais, gestos, objetos e atitudes profanas, e uma epifanização do corpo, manifestada através da prática de atividades como esportes e fisiculturismo. Weber (1974) já se referia ao “processo de secularização” (*Säkularisationsprozess*) para o qual caminharia a religião, quando o sagrado, com o advento da modernidade, seria substituído na explicação do mundo pela racionalidade técnica e seria conduzido às esferas privadas da sociedade. Em parte, pode-se admitir a secularização da religião, mas nunca seu desaparecimento, como propôs Weber (1974), sendo substituída pela ciência. O que presenciamos é a continuidade na busca pelo sagrado, mesmo que este se encontre em termos mais individualizados, encaixando-se no estilo de vida do fiel. Fato este já estudado pelo sociólogo Leonildo Campos (1997, p. 34) acerca da Igreja Universal do Reino de Deus:

Os processos culturais do pluralismo, as mudanças dos papéis sociais das organizações religiosas, a exarcebção da competição entre agências produtoras de sentido, a possibilidade de se escolherem estilos religiosos com base nos resultados observados, constituindo-se uma apropriação subjetiva e individualizante do sagrado. (CAMPOS, 1997, p. 34).

Bourdieu (2001, p. 123) já alertava para a tendência do campo religioso protestante brasileiro de se fragmentar frequentemente e com grande facilidade, o que acaba por torná-lo “um campo de manipulação simbólica mais amplo do que as fronteiras da religião institucionalizada”. Juntando a tendência a fragmentação à crescente demanda por uma religiosidade individualizante e subjetiva, surge aos poucos uma nova forma de estabelecer relações entre si e com o sagrado.

Indivíduos, em sua grande maioria jovens, com um estilo de vida semelhante, buscam nessas novas igrejas “um estar-junto vivido enquanto experiência estética, sensível, afetiva do eu junto com o outro”, uma identidade comum que os aproxime do sagrado na forma de um Deus próximo e acessível¹. Não mais se busca uma mudança de vida a partir dos padrões estabelecidos pela divindade, mas, sim, um deus que se adeque ao estilo de vida do indivíduo.

O campo religioso é hoje, cada vez menos o campo das religiões, pois o homem religioso, na sua ânsia de compor um universo-para-si, sem dúvida cheio de sentido-para-si, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria existência. (SANCHIS, 1997, p. 35).

E, nessa busca por uma religiosidade que atenda suas necessidades pessoais, o indivíduo cada vez mais se afasta das instituições religiosas tradicionais e mais se aproxima de formas alternativas do sagrado, criando, assim, uma espécie de simbiose, na qual “é menos de verdade objetiva que se trata, na procura contemporânea do sentido religioso da vida, mas de uma emoção que tenha o som da verdade” (SANCHIS, 1997, p. 34).

Nesse processo de reconstrução da crença, as fronteiras entre o sagrado e o profano tendem a se interpenetrar, criando áreas “cinza”, onde as definições do permitido e do proibido passam a ser fluidas. É o que já afirmava Leonildo Campos (apud BITUN, 2011,

¹ Esse tipo de religiosidade, que hoje se torna institucionalizado, tem seu início informal em grupos de comunidades evangélicas alternativas, como S8 e MPC (Mocidade para Cristo) no Rio de Janeiro e a “igreja Cristo Salva”, mais conhecida como “Ministério tio Cássio” em São Paulo, todas na década de 1980. Nesse período, essas reuniões interdenominacionais de jovens não tinham o intuito de se institucionalizar como igrejas, mas, sim, trabalharem em parceria com as já existentes, evitando inclusive o conflito de horário. Com o passar do tempo, esses grupos acabaram por formar lideranças de igrejas pentecostais da terceira onda.

p. 14): “Se estiver ocorrendo uma liquidificação dos limites e fronteiras, as divisões do campo religioso e o não-mais-campo-religioso tenderão a se diluir”. Nessas igrejas, observa-se um retorno a ênfases encontradas na primeira onda do pentecostalismo, como a busca pelo batismo pelo Espírito Santo através do evento da glossolalia, juntamente com um rigor maior quanto a usos e costumes. Interessante, porém, é que esses usos e costumes não se traduzem em estilos de vestimentas mais sóbrios, mas, sim, em relação a comportamentos, como o de abstinência sexual, namoro controlado pela igreja e domínio próprio nos demais comportamentos sociais. Da segunda onda há o resgate da cura física, que acontece através da ação dos pastores e, finalmente, da terceira onda vemos a ênfase na cura espiritual. Podemos perceber, portanto, nessas igrejas voltadas a nichos específicos características das três ondas do pentecostalismo descritas por Freston, apontando, portanto, uma possível quarta onda a se formar.

Dentre essas igrejas de nova geração encontramos a chamada “Bola de Neve Church”, ou Igreja Evangélica Bola de Neve, oficializada em 1999. Como seu próprio nome já aponta, essa igreja, como uma bola de neve que cresce a cada volta, em apenas 10 anos atingiu cerca de 3 mil participantes, adquirindo como sua sede uma grande casa de shows paulistana, o Olympia, com capacidade para 4 mil pessoas. Hoje, conta com cerca de 150 templos em todo o Brasil e expande-se internacionalmente, estando presente nos seguintes países: Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, Índia, Paraguai, Peru e até mesmo a Rússia. Em sua pregação, seu fundador, “apóstolo Rina”, utiliza-se de uma linguagem com termos simples e próximos ao linguajar coloquial dos jovens:

Está estressado? Anda tomando Yakult com o chinelo na mão para matar os lactobacilos vivos? Pensa, “cabeção”! Em vez de estourar uma “bucha” (fumar um cigarro grande de maconha, na gíria do surfe) e ficar “doidão” por aí, ora para Deus. (PEREIRA; LINHARES, 2006).

Como muitas igrejas neopentecostais, a Bola de Neve teve sua origem doutrinária dentro de outra igreja neopentecostal, no caso, a Igreja Renascer em Cristo. Seu fundador, Rinaldo Luís de Seixas Pereira, quando membro da Renascer, era um dos responsáveis pelo ministério de evangelismo dessa igreja. Após formar um grupo de jovens, desligou-se da igreja de origem, criando sua própria comunidade e intitulando-se Apóstolo Rina. Formado em Propaganda e Marketing, utilizou seus conhecimentos para criar uma igreja atrativa ao

público jovem, composto na maioria por surfistas, esquetistas ou outros esportistas.

O nome “Bola de Neve Church” é atribuído a uma criação coletiva do Pastor fundador e dos membros da igreja: "Bola de Neve é porque eu sabia que seria uma coisa que cresceria. Church porque era como os primeiros frequentadores, esportistas que costumam usar muitas palavras em inglês, chamavam carinhosamente o templo” (PEREIRA; LINHARES, 2006).

A partir de acompanhamento periódico desde sua inauguração (cerca de um ano), foi feita análise antropológica da Igreja Evangélica Bola de Neve, situada no bairro Tatuapé na Zona Leste da cidade de São Paulo, visando a compreender a estrutura de culto, o perfil dos membros e trabalhando o tipo de comunicação utilizada, tendo como método de pesquisa o trabalho de campo, leituras específicas sobre o neopentecostalismo no Brasil e entrevistas e análises pessoais dos membros que ali congregam.

1 Conhecendo o Espaço Sagrado

Localizado na avenida Celso Garcia, uma das mais importantes avenidas da Zona Leste de São Paulo, paralela à Radial Leste, que é via de acesso para quem se locomove de automóvel, a 500 metros da estação de metrô do Tatuapé, com um ponto de ônibus em frente ao prédio e um estacionamento na rua ao lado, a igreja “Bola de Neve” se reúne em um prédio de três andares com um salão que agrupa 800 pessoas sentadas confortavelmente. O processo de formação da igreja da Zona Leste está em concordância com descrição de Edin Sued Abumanssur (2004, p. 137) a respeito do estabelecimento de uma igreja neopentecostal:

Desde o início de suas atividades, as igrejas neopentecostais, com exceções, evitam construir templos. A iniciativa de abrir um novo local de trabalhos está nas mãos da liderança denominacional. Ela avalia as potencialidades de um novo ponto de reuniões e decide pela possibilidade ou não de se iniciar ali uma igreja. Em geral, os fatores considerados para a tomada de decisão são a facilidade de acesso, a oferta de serviço de transporte coletivo e o fluxo de pessoas.

Após adquirir o salão, consagrá-lo com orações para proteção do local do ataque das trevas, limpá-lo e organizá-lo, no dia 6 de novembro de 2009, a igreja teve sua inauguração com a presença do Apóstolo Rina. Esse fato, na visão antropológica, destaca-se por ser um

elemento mágico de contiguidade, pois a presença do apóstolo, responsável pelo surgimento da primeira Igreja Bola de Neve, em pessoa contribui para santificar o local.

A respeito dos templos neopentecostais, Abumassur (2004, p. 134) afirma:

Não é mero acaso que grande parte dos templos 'iurdianos' (v. *glossário*) e de outros grupos pentecostais como Igreja Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus e outros, sejam antigos e desativados cinemas ou outras casas de espetáculos. Porque para a realização de seus cultos, exige-se, além do palco, todo um conjunto de aparelhos eletrônicos, tais como mesa de som, microfones, alto-falantes, luzes, amplificadores de som, aparelhos musicais e outros mais, bem como um amplo espaço para a acomodação da platéia. No decorrer da encenação há deslocamentos de pessoas, movimentos corporais, formação de filas e realização de procissões internas.

No caso da Igreja Bola de Neve, não se foge a essa regra. O templo é um antigo cinema desativado que, antes de se tornar templo da Bola de Neve, pertenceu a outra igreja; por ter pertencido a outra denominação anteriormente, comumente se ouve na igreja a seguinte declaração bíblica referente a Ageu (2:9): "A glória da segunda casa será maior que a da primeira". É interessante observar que, como Mircea Eliade (2001, p. 31) afirma, “os homens não são livres de escolher o terreno sagrado, que os homens não fazem mais do que procurá-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos”. A noção que os membros dessa Igreja Bola de Neve têm de que esse espaço onde se reúnem já era sagrado mesmo antes de assumirem sua direção advém do conhecimento de que o mesmo local já abrigou outra igreja. Assim, a “glória de Deus” já estaria se manifestando nesse lugar quando passou a ser utilizado como templo da Bola de Neve Church.

A identidade dos membros da igreja é reforçada pela presença de sua logomarca, espalhada por todo o templo, através de adesivos colados em vários tipos de objetos que pertencem à igreja (como vasos ou vidros) e projetado na parede através de um projetor *datashow* durante todo o culto. Percebe-se que há insistência em familiarizar os membros com a igreja através da logomarca.

O “espaço sagrado” da Bola de Neve Church do Tatuapé localiza-se em um prédio com pintura amarelo-mostarda e uma placa preta com o nome da igreja em letras prateadas e outra placa da mesma estrutura informando os horários dos cultos (que ocorrem às terças e quintas-feiras, às 20:00, e aos domingos, às 19:00). Possui o andar térreo e mais dois andares superiores, distribuídos da seguinte maneira: no térreo se encontra a entrada da igreja. Ao entrar na igreja, a pessoa se depara com um *hall*. À esquerda se encontra um

painel informativo dos eventos que a igreja proporciona, ao lado bebedouros, *toilets* e um balcão do Ministério Boas-Vindas, cujas pessoas trabalham na porta recepcionando os que adentram a igreja e são responsáveis pelo cadastro de novos membros. À direita se encontra um portão preto que serve de entrada aos outros andares do prédio. Ainda no térreo, há um pequeno balcão onde funciona um estabelecimento no qual são vendidos livros, bíblias, CDs, adesivos da denominação e roupas de surfe. Ao lado desse balcão se encontra a entrada para o espaço onde ocorrem os cultos, tendo acima da porta de entrada uma prancha de surfe. É interessante perceber que, apesar de essa igreja ter se formado em um bairro da Zona Leste de São Paulo, e, portanto, a quase 100 km da praia mais próxima, mantém-se a identidade com o grupo de surfistas de sua origem, através da venda de roupas específicas e da decoração do ambiente.

O templo possui um corredor central, com cadeiras de ambos os lados. Nas laterais encontram-se, em cada lado, duas pequenas árvores (pequenas palmeiras) e mais duas no fundo do templo, e nas paredes há alguns quadros com pinturas de cores quentes com desenhos de ondas e praias (denotando, novamente, a indução de um clima litorâneo, com referências à prática do surfe); na parede do lado esquerdo do templo há dois *shapes* (prancha de madeira do *skate*). Como nesse local a presença de esquiteistas é maior que a de surfistas, a presença desse elemento de decoração vem a criar uma ligação afetiva com os frequentadores. Toda essa estrutura denota a familiarização da igreja com o público-alvo que deseja alcançar. Ao mesmo tempo, remete-nos à ideia de centro do mundo estabelecida por Mircea Eliade (2001, p. 39): “Encontramos em toda a parte o simbolismo do Centro do Mundo, e é ele que, na maior parte dos casos, nos permite entender o comportamento religioso em relação ao ‘espaço em que se vive’”. Eliade (2001) faz referência à construção do espaço sagrado repetir a obra dos deuses. E é nesse sentido que podemos entender a ornamentação do espaço sagrado bem como o púlpito em forma de prancha. Pretende-se reproduzir, ainda que de forma bem simples, o ideal de ambiente praiano, e, ainda, reproduzir o mito de origem da igreja, expresso na forma do púlpito.

O palco da igreja apresenta-se em um andar inferior e um superior. No superior há os instrumentos musicais, e é onde os músicos tocam e ministram o louvor; no inferior encontra-se o púlpito, que, na Igreja Bola de Neve, é uma prancha de surfe. Tal apresentação exprime a importância que a denominação dá à musicalidade e à identificação

do público com os esportes radicais, mesmo que, na história da igreja, a prancha tenha tido outro significado. Conta-se que na primeira Igreja Bola de Neve teria começado no depósito de uma loja de surfe, e que, na falta de um púlpito tradicional, o Apóstolo Rina usava uma prancha de surfe para apoiar a *Bíblia*. Desse mito de origem surgiu o costume de toda Igreja Bola de Neve apresentar uma prancha de surfe em lugar de púlpito.

Nos andares superiores da igreja encontram-se o Ministério Infantil e o Ministério dos Adolescentes, ambos funcionando separadamente, mas simultaneamente ao culto. Há, também, nos andares superiores, um refeitório, onde se vende salgados, bebidas e doces, além do gabinete pastoral.

Podemos perceber, portanto, que toda a constituição do espaço sagrado é voltada ao público que pretende atender, ou seja, esportistas jovens.

2 As Festas na Bola

Mircea Eliade (2001, p. 64) define o tempo sagrado como sendo circular e reversível. O homem religioso sente necessidade de mergulhar nesse tempo sagrado e indestrutível, periodicamente. Assim, dentro da estrutura da Igreja Bola de Neve, não poderiam deixar de existir encontros periódicos para renovação espiritual dos seus membros. O calendário litúrgico da Igreja Bola de Neve no Tatuapé compõe-se de ministração da Santa Ceia ao terceiro domingo de cada mês, festa de aniversário da igreja e dos pastores, festas periódicas de comunhão da igreja e datas comemorativas nacionais, como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças etc.

O que mais chama a atenção nessa organização de festas são as festas de comunhão. Como grande parte dos membros da igreja são pessoas que, por seu estilo de vida, estão acostumadas a frequentar “baladas”, periodicamente são organizadas festas, sempre com muita música em estilos contemporâneos e variados como rock, reggae, forró, samba etc., performances de teatro e danças; tais festas costumam ser agitadas e longas, adentrando, muitas vezes, a madrugada.

A festa do primeiro aniversário de organização da igreja perdurou de quinta-feira até domingo, com cultos especiais contando com a presença de bandas variadas.

Nas datas comemorativas nacionais ocorrem apresentações de teatro realizadas por

alguns dos ministérios da igreja, como o Infantil, dos Adolescentes, de Teatro etc.

Pode-se notar que na Igreja Bola de Neve não há grande ênfase em comemorar datas históricas para o protestantismo, como dia de Pentecostes, data de referência no meio pentecostal, ou o dia da Reforma Protestante. Percebe-se que essa igreja trabalha numa perspectiva pós-moderna, enfaticamente pragmática, atendo-se principalmente a datas comemorativas do calendário secular.

3 Agora sou da Bola de Neve

No senso comum evangélico no Brasil, a Igreja Bola de Neve é comumente entendida (pelos que a conhecem, pois muitos desconhecem sua existência) como uma igreja descompromissada, bagunçada, voltada a jovens, desviados e usuários de drogas. Aparentemente, essa generalização ocorre por haver uma ruptura com os dogmas denominados “usos e costumes”, que abrangem as regras relacionadas às roupas que devem ser usadas e o linguajar que deve ser utilizado. Como a liderança e os membros dessa igreja se utilizam de uma linguagem coloquial, os membros (inclusive os pastores) usam roupas da moda atual, e grande parte da igreja ser jovem, sendo frequentemente participantes ativos de algum esporte (enfaticamente, os esportes radicais). Mas, ao se conhecer a realidade por dentro, percebe-se um quadro bem diferente: a Igreja Bola de Neve é estruturada e hierárquica. A passagem de um membro de um estágio para outro ocorre através de um processo burocrático e, em alguns casos, longo. Como exemplo, podemos ver o tempo determinado por um líder (ou o próprio Pastor) para um casal poder iniciar um namoro com a benção de Deus e da igreja, que inclui rituais de consagração, via jejum e oração (tempo que pode chegar a seis meses), e o tempo determinado para que uma pessoa passe a ser considerada membro da igreja, podendo ser batizada e frequentar alguma célula² para, então, poder ingressar em algum ministério.

² No meio evangélico neopentecostal, “célula” é uma reunião domiciliar de um pequeno grupo que, no caso da Igreja Bola de Neve, ocorre semanalmente; a célula tem como função retomar aquilo que foi ministrado no domingo anterior à reunião, fortalecer a visão bíblica da denominação acerca das questões cotidianas e trabalhar a comunhão entre os membros da igreja. As células na Igreja Bola de Neve são divididas por bairros, onde cada membro frequenta a célula do bairro em que mora.

Cada pessoa que se aproxima de uma Igreja Bola de Neve passa por estágios muito semelhantes até se tornar um membro ativo. Ao primeiro contato com a igreja, chama a atenção seu ambiente diferenciado, no qual é vivenciada uma liberdade maior de culto. Se a pessoa se identifica com a estrutura e é bem recebida pela equipe separada para isso, comumente retorna outras vezes. Em pouco tempo, cria-se o interesse de frequentar uma célula, principalmente pela ênfase que a igreja dá à importância de um acompanhamento espiritual mais próximo, feito por alguém da liderança.

Nas células, é comumente destacada a importância de participar de um ministério e ser ativo na igreja, havendo todo um preparo das pessoas para que estas ingressem em um trabalho (ministério) com o qual se identifiquem.

A próxima etapa é o batismo, cujo sentido e finalidade diferem do usualmente encontrado nas igrejas cristãs e tido por Van Gennep (1960, p. 79) como um ritual de incorporação. Van Gennep define os ritos de passagem como “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e idade” (apud TURNER, 1982, p. 94). Ele também demonstra que:

Todos os ritos de passagem ou de “transição” são demarcados por três fases: separação, margem e agregação. A primeira fase (de separação) compreende um comportamento simbólico que representa a separação do indivíduo ou do grupo tanto de um ponto fixo na estrutura social, de um conglomerado de condições culturais (um “estado”, ou de ambos. Durante o período transicional “liminar”, as características do sujeito do ritual (o passante) são ambíguas; ele passa por um reino cultural que tem poucos ou nenhum dos atributos do estágio precedente ou do seu próximo. Na terceira fase (agregação ou incorporação), a passagem é consumada. O sujeito do ritual, individualmente ou em grupo, está novamente em um estado relativamente estável, e em virtude disso, possui direitos e deveres para com os outros de um tipo claramente definido como “estrutural”; espera-se que ele se comporte de acordo com certas normas de costumes e padrões éticos atribuídos como responsabilidade de posição social em um sistema de tais posições. (Aput TURNER, 1982, p. 94 -95).

Na Igreja Bola de Neve, o ritual do batismo é apenas uma das etapas do ritual de passagem, que permite ao aspirante tornar-se membro atuante na igreja. O líder da célula é o responsável por encaminhar o aspirante ao batismo ao Pastor. O ritual de batismo ocorre trimestralmente e é a primeira parte do ritual de passagem, funcionando como um ritual de separação, onde o indivíduo é separado do mundo em que vivia, tido como maligno, para pertencer a outro “mundo”, o dos crentes. Algo que, como Van Gennep (1960, p. 94) se refere ao estudar a fase de catecúmenos que precederia o batismo, no caso da Bola de Neve, ocorreria após o ritual: “sendo separado mais e mais do mundo não cristão; ele é

gradualmente instruído; seus ‘ouvidos são abertos’”. É que, após o batismo, tendo frequentado uma célula por seis meses ou um ano, sendo propriamente doutrinado nas crenças da igreja, cria-se paulatinamente na pessoa um desejo de ingressar em um ministério. São os ritos preparatórios para a incorporação: “Assim termina o período de transição, que inclui ao mesmo tempo ritos de separação e ritos preparatórios para a incorporação; a duração deste período não é limitada [...]” (VAN GENNEP, 1960, p. 94).

Dessa forma, ao atingir o tempo necessário de espera, o indivíduo procura o líder do ministério no qual deseja trabalhar, recebendo deste uma ficha de inscrição naquele ministério. Tendo essa ficha preenchida por ele e pelo líder da célula que frequenta, volta ao ministério e entrega a ficha. Esse processo seria de margem do ritual de passagem, onde a pessoa foi separada, mas ainda não se encontra totalmente integrada na estrutura da igreja. É nessa fase que observamos o que Victor Turner (1982, p. 127) define como *communitas*, um espaço em que a estrutura social é inexistente. Na célula, todos os frequentadores, exceto o líder, são iguais.

Após certo espaço de tempo, sem duração específica, ocorre uma convocação do ministério, quando todas as pessoas que entregaram a ficha preenchida de intenção de participação são convidadas a comparecer a uma reunião. Nessa reunião, os líderes do ministério em questão explicam as atividades que caberão a cada pessoa. Ocorrem orações de dedicação daqueles ao trabalho e ao ministério. Nesta última fase do ritual de passagem ocorre o que pode ser denominado um estágio de agregação ou incorporação, em que a pessoa se sente, por fim, membro da Igreja Bola de Neve.

Desde o início da participação na igreja e, por conseguinte, da frequência das células, há a insistência e motivação para a pessoa ingressar em algum ministério. É parte fundamental e importante para um membro da Bola de Neve ser participante de um ministério. É interessante destacar que, para se ter a autorização para ingressar em algum ministério, é necessário: frequência à igreja e a uma célula por no mínimo seis meses e ser batizado. Cumpridas essas etapas, o aspirante a um ministério precisará preencher uma ficha com respostas pessoais e dados sociais, assinar uma ficha de declaração de serviço voluntário e não remunerado e ter, ambas as fichas, assinadas pelo líder da célula que frequenta.

Pode-se dividir os ministérios existentes em duas classes, segundo o tempo de frequência à igreja necessário para ingresso neles; com base na descrição que a própria igreja apresenta em seu *site*.

3.1 Ministérios de seis meses

- **Atalaias** – administrar a segurança, a logística e todas as questões que envolvem os carros e motos estacionados perto da igreja.
- **Datashow** – para fazer parte do Ministério *Datashow* é preciso estar há mais de seis meses na igreja, frequentar uma célula, ser batizado, ter conhecimento no pacote *Microsoft Office*, agilidade para manusear os *softwares* e conhecer os louvores que tocam na igreja.
- **Ministério com Surdos** – para ingressar no ministério é necessário ser batizado, frequentar uma célula e fazer o curso de Libras, oferecido na própria igreja.
- **Ministério de Louvor** – direção dos cânticos nos cultos.
- **Ministério Nova Vida** – criado com o objetivo de ajudar as pessoas que têm dificuldade de abandonar o vício em drogas ou qualquer outro tipo de compulsividade. O ministério também faz um trabalho com os codependentes, que são as pessoas que convivem com os dependentes químicos ou compulsivos, ajudando-as a lidar com as situações de dificuldade.
- **Ministério Sports** – ministério que organiza os concursos de esportes oferecidos pela igreja, tendo como objetivo um trabalho evangelístico, com entrega de panfletos e “ministração da palavra”.

3.2 Ministérios de um ano

- **Assistência Social** – a ajuda acontece por meio de doações de cestas básicas, roupas, móveis e, principalmente, ministrações sobre o amor de Cristo. Também são realizadas visitas a hospitais, orfanatos, penitenciárias, Fundação Casa (antiga Febem) e Centro de Referência da Criança e do Adolescente (Crecas). Para os

membros da igreja que estão passando por dificuldades financeiras, o ministério conta com o Projeto Maná, para doações de alimentos não perecíveis.

- **Intercessão** – para ser um intercessor é necessário ser batizado, ter um ano ou mais de igreja, frequentar uma célula, fazer o curso de intercessão e ser aprovado.
- **Boas-Vindas** – recepciona as pessoas que chegam e encaminha-as a uma célula.
- **Mergulhando na Palavra** – é dividido em dois módulos: 1. Entrando no Espírito, um discipulado com duração de 4,5 meses que aborda temas como o plano da salvação, promessas, graça, santidade, jejum, oração, perdão, Espírito Santo (fruto e dons), entre outros. 2. Panorama Bíblico, estudo que prioriza o conhecimento da *Bíblia*, no qual o aluno mergulha nos livros, personagens e contexto histórico. Esse curso se divide em aulas alternadas do Velho e Novo Testamento, com duração de, aproximadamente, seis meses.

Para colaborar no Ministério basta já ter feito o Mergulhando, ser batizado, ter pelo menos um ano de Igreja, frequentar uma célula, e, é claro, ter o chamado para ensinar.

- **Artéria** – ministério de adoração através de danças.
- **Bolinha de Neve** – ministério para trabalhar com crianças de 0 a 11 anos.

Existem os ministérios especiais, para os quais é necessário convite para participar ou pertencer ao público específico que o ministério trabalha. São eles:

- **Diáconos** – os diáconos têm diversas funções na igreja, entre elas preparar e oferecer a ceia, colocar os copos de água no púlpito para o Pastor, aconselhamento e oração, recolher e cuidar da oferta na casa de Deus, batismo, visita e unção nos lares, controlar a saída e entrada no intervalo dos cultos e ajudar nos eventos. Os diáconos não são escolhidos pela igreja e nem se oferecem para o cargo, mas, “são levantados por Deus, através de uma unção e direção do Senhor” ao Pastor da igreja.
- **Mulheres Bola de Neve** – responsáveis por cada detalhe dos cultos: decoração, lembrancinhas, boas-vindas, recepção interna e externa, *mailing*, brindes, assistência social, lojinha, organização dos materiais de estudo e comunicação interna.

- **Bola de Neve Teens** – para ser membro do ministério é necessário ser adolescente (entre 11 e 17 anos), frequentar a igreja há pelo menos 45 dias, ser batizado e frequentar uma célula.

4 Organização e Apresentação do Culto

Ao adentrar no estudo da organização e apresentação do culto é possível observar, mesmo que restritamente, as técnicas corporais comuns àquele ambiente, por conseguinte, os rituais que ali encontrados.

Edward Sapir (1966, p. 15), antropólogo e linguista, afirma:

Tomemos o exemplo dos gestos. O indivíduo e o social ali se misturam, inextricavelmente; no entanto, somos extremamente sensíveis a eles, e reagimos a eles, como segundo um código, secreto e complicado, jamais escrito, que não é conhecido por ninguém e é entendido por todos. Esse código não está ligado ao orgânico. Pelo contrário, ele é tão artificial, tão dependente da tradição social quanto a religião, a linguagem e a técnica industrial. Como toda conduta, o gesto tem raízes orgânicas, mas as leis do gesto, o código tácito das mensagens e das respostas transmitidas pelo gesto são obra de uma tradição social e complexa.

Entendendo a gestualidade como parte importante da comunicação que determinado grupo quer expressar, faremos, aqui, uma análise dos gestos, técnicas corporais no decorrer do culto, a posição espacial que as pessoas ocupam, como a causalidade dessa escolha etc..

O culto na Bola de Neve é extenso, durando cerca de três horas, em média, e se desenvolve, na igreja do Tatuapé, como descrito a seguir.

4.1 Pré-culto

Apesar de o culto começar apenas às 19:00 aos domingos, as pessoas que costumam frequentar a igreja chegam com, praticamente, uma hora de antecedência. Como a demanda de público é grande, aqueles que frequentam assiduamente, principalmente aqueles que estão envolvidos em algum ministério, antecipam sua chegada para poder encontrar um bom lugar para ocupar durante o culto. Observa-se, portanto, uma clara distinção espacial, com os que têm familiaridade com a igreja sentando-se mais à frente e aqueles que estão visitando e/ou ainda não se envolveram totalmente, sentando-se ao fundo.

Antes de começar o culto, pode-se perceber a intensidade de envolvimento que a pessoa tem com a igreja e os relacionamentos com os outros membros nos seguintes aspectos: há ajuntamento de pequenos grupos, distribuídos em um círculo invisível, mas muito entendido por todos, onde os assuntos tratados são a respeito de serviço, ministérios e/ou acontecimentos engraçados que tenham acontecido a algum deles. Observa-se, também, o ajuntamento em duplas em locais mais afastados. Nesse caso, presume-se que se trata de uma conversa particular e pessoal ou acerca de problemas considerados espirituais, com o aconselhamento de um líder ao liderado. Ainda é possível observar a movimentação de pessoas aparentando muita pressa: são aquelas que estão escaladas para serviço em seu ministério.

O contato físico não é questionado dentro da igreja; pessoas de ambos os sexos se abraçam, se amontoam, cumprimentam-se com beijos no rosto e, entre as crianças e os adolescentes, vê-se que o contato físico é mais intenso, pois as brincadeiras com lutas ou abraços de um grupo em uma pessoa só são frequentes. Tais contatos físicos não são questionados e são comuns dentro e fora da igreja.

4.2 Período de “louvor”

A música na Igreja Bola de Neve é extremamente valorizada. Aproximando-se o horário de início do culto (19:00), o Pastor dirige-se ao púlpito, apresenta-se à igreja, pede para todos abrirem a *Bíblia* em algum salmo e fiquem em pé. Após a leitura do salmo, feita somente pelo Pastor, mas acompanhada por todos, as luzes principais são apagadas e acendem-se luzes laterais incandescentes. Então, ele faz uma oração invocando a presença de Deus, expressando os atributos divinos, agradecendo pelo que Deus já fez, tem feito e fará e, por fim, convida a igreja a adorar aquele Deus através dos louvores.

Durante a oração do Pastor, os músicos já estão introduzindo instrumentalmente a música que será cantada após a oração; essa música costuma ser de um gênero musical que ficou conhecido como gospel. As duas músicas seguintes são, geralmente, em ritmo de reggae ou rock. Mais duas ou três músicas gospel são tocadas, sendo que, antes de a música terminar, o Pastor pega o microfone e estende uma oração de agradecimento a Deus, enfatizando aquilo que foi cantado nos louvores. Após a oração, há palmas, as luzes laterais

apagam, as gerais acendem, e todos se sentam.

Durante o louvor, as pessoas sentem a liberdade de se deslocar de seu lugar e ficar no corredor central ou nos laterais. Com o decorrer das músicas, aqueles que vão se identificando com o que está sendo cantado levantam suas mãos e vão criando um momento de intimidade com a divindade e, quando alcança-se um alto nível de êxtase, há dobrar de joelhos, choro e, em poucos casos, glossolalia, tudo isso de maneira moderada.

4.3 Avisos da instituição, ministração de dízimos e ofertas e dedicações especiais

Após o louvor, inicia-se um momento no qual são divulgados avisos da igreja, como festas, necessidades como incentivo ao voluntariado a algum ministério ou a doação de alimentos. Nesse período, ocorrem dedicações especiais como benção para noivos, apresentação de crianças a Deus e testemunhos.

A benção dos noivos estabelece um claro ritual de passagem, no qual ocorre a mudança do estágio de namoro (separação) para o de noivado, este sendo, na visão de Van Gennep (1960, p. 130-131), uma fase de margem, a ser transpassada antes do estágio do casamento (agregação). Como já foi referido anteriormente, quando um casal decide namorar, é necessário que ele se separe dos demais através de práticas de consagração com jejum e oração durante o tempo que for estipulado pelo Pastor (rituais de separação e de preparação para a integração). Só então poderão começar uma relação de namoro, e este dentro de uma perspectiva de abstinência sexual, mais uma vez estabelecendo uma separação dos demais jovens de sua faixa etária. A benção para noivos acontece quando um casal que namora decide passar para o estágio de noivado, eles conversam com o Pastor, passam um tempo determinado de oração, agendam o dia para apresentar-se na igreja, nessa apresentação trocam uma dedicatória, representada por declarações de amor mútuo e clima de humor, após isso, trocam alianças, ajoelham-se e o Pastor, com a igreja de mãos estendidas em direção ao casal, ora em dedicação àquele relacionamento. O noivado é portanto um ritual com aspectos de separação e de agregação. Separa-se dos demais, voltando-se apenas um para o outro, mas são integrados na dinâmica da igreja, como tendo sido autorizados pela liderança.

Quando ocorre uma apresentação de crianças, o casal de pais leva o(s) filho(s) até o Pastor, que interage com a(s) criança(s) e os pais, faz uma oração de proteção e separação juntamente com a igreja de mãos estendidas, em prol da separação da criança para Deus e para preparar uma vida de trabalho a Ele. Vemos, aqui, a prática de um ritual protetivo³, com finalidade de garantir o bem-estar físico, moral e espiritual da criança.

No testemunho, alguém, após agendamento prévio com o Pastor, sobe ao púlpito e conta alguma experiência pessoal, denotada de algum livramento especial de Deus, cura de alguma doença grave ou benção financeira ou material. Através dos testemunhos, os membros vivenciam ou revivenciam a libertação de seus problemas, pois, no recontar dos acontecimentos da vida de um dos membros, resgata-se a memória de acontecimentos semelhantes ou prepara-se para enfrentar tal situação quando for necessário. Dessa forma, os testemunhos funcionam como um mito, pois explicam o por que das coisas serem como são: “Narrando como vieram a existência as coisas, o homem explica-as e responde indiretamente a uma outra questão: por que elas vieram à existência” (ELIADE, 2001, p. 86).

Na ministração de dízimos e ofertas, o Pastor chama a igreja para “adorar a Deus com seus dízimos e ofertas”, ele enfatiza que tem de ser feito de coração e livre vontade a Deus e que os que estão somente visitando não necessitam participar desse momento, pois “eles vieram para receber de Deus e não dar nada”. Enquanto uma música ressoa, as pessoas se deslocam de seus lugares, levando sua oferta pelo corredor central até um gazofilácio que se encontra diante do púlpito, nas mãos de um diácono da igreja. Mesmo sendo uma denominação neopentecostal, a Bola de Neve diferencia-se por sua pouca ênfase no trabalho com o dinheiro, fato marcante nas igrejas neopentecostais.

4.4 Pregação

A Igreja Bola de Neve tem o costume de enfatizar a pregação tanto quanto a música. A pregação dura cerca de 40 minutos a 1 hora, mesmo tempo do louvor. A ministração é

³ Emilio Willems (1961) adota a distinção entre ritos “produtivos”, “protetivos” e “destrutivos” em seu estudo sobre a religiosidade no bairro rural de Itaipava-RJ (Cunha), sendo estes de alcance tanto religioso como mágico.

pragmática, sempre denotando os problemas existenciais e cotidianos e suas soluções encontradas na *Bíblia*. A teologia da prosperidade é constantemente resgatada, como se pode ver nas palavras do Pastor Mohamad, em uma pregação em 16 de outubro de 2011:

Se você obedecer, for alguém que honra, isto alcançará o altar do senhor e Ele vai te honrar. Quando alguém tenta puxar o tapete de minha esposa, ela trabalha ainda mais direito e não se preocupa. Se você não roubar tempo no trabalho, fizer tudo direitinho, Deus vai te honrar.

A linguagem utilizada pelo Pastor é coloquial e as roupas que traja são informais e referenciais ao público que se pretende atingir, usando tênis, calça jeans e uma camisa.

4.5 Encerramento

Após a pregação, o Pastor pede para todos na igreja fecharem os olhos e abaixarem a cabeça; as luzes gerais são apagadas e as laterais acesas. O Pastor fala a respeito da necessidade de aceitar Cristo e pede para aqueles que queiram aceitar Jesus que se levantem, como “um sinal a Deus”. Aqueles que se levantam repetem uma oração, prática comum dentro do pentecostalismo, semelhante a esta: “Senhor Jesus, te aceito como único e suficiente salvador, venha morar em meu coração, escreva meu nome no livro da vida e mude a minha história. Amém”. É importante destacar que, nesse modelo de oração, em que o Pastor fala e aqueles que estão aceitando Cristo repetem, há inclusão do tema que o Pastor pregou nessa noite.

Depois de realizada essa oração, os membros do Ministério Boas-Vindas colocam-se em lugares estratégicos e de boa visualização por todos, levantando uma prancheta. O pastor discorre a respeito da necessidade de se frequentar uma célula e dar seus dados para cadastro na igreja, a fim de receber notícias dela. Ocorre, então, mais uma música, na qual há a participação de toda igreja. Ao fim, todos se dão as mãos e repetem após o Pastor as seguintes frases: “Se Deus é por nós, quem será contra nós”, “Agindo Deus, quem impedirá”, “O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”. Todos fazem a oração do Pai Nosso em uma só voz e o Pastor despede a igreja com a bênção apostólica. Encerra-se, assim, o culto dominical na Igreja Bola de Neve no Tatuapé.

Conclusão

Pode-se verificar, mesmo que de maneira sucinta, o funcionamento e a organização da Igreja Bola de Neve no bairro do Tatuapé, na Zona Leste de São Paulo. Entende-se que essa igreja vem ganhando espaço dentro da comunidade evangélica no Brasil e até mesmo em países estrangeiros devido ao fato de ter um culto despojado dos clássicos dogmas pentecostais, projetando nas pessoas uma aparente liberdade, com pregações pragmáticas e muito bom humor, conseguindo estabelecer dentro de todo esse contexto um sistema burocrático e controlador muito bem estabelecido e obedecido quase que de maneira unânime por aqueles que pertencem a essa organização.

A Igreja Bola de Neve vem atraindo membros e crescendo de maneira singular, portanto, é importante entender o que ali acontece, a partir de uma visão livre de apologética, ou seja, demonstrando, de fato, o que ali acontece e como a instituição funciona.

Tentou-se demonstrar a partir de uma perspectiva antropológica da religião toda a organização, seja ela de culto ou estrutura, de uma das igrejas Bola de Neve, localizada no bairro de Tatuapé, na cidade de São Paulo. Muito deve ser estudado ainda em relação à igreja sede e às demais filiais para que se possa afirmar algo categoricamente.

O sociólogo Ricardo Bitun (2011, p. 116) aponta a possibilidade de a Igreja Mundial do Poder de Deus encabeçar, no futuro, o advento de uma quarta onda do movimento pentecostal brasileiro, que estabeleceria uma identidade própria através de uma seleção de características das três ondas anteriores. Porém, os fatos que estamos presenciando na última década apontam que essa quarta onda do pentecostalismo pode ser movida pelas igrejas voltadas a nichos específicos, como é o caso da “Bola de Neve Church”, aqui analisada, em que as características principais seriam o batismo com o Espírito Santo, a glossolalia, a pregação voltada à cura interior, aliada a questões pragmáticas e uma volta aos cuidados com os usos e costumes referentes aos procedimentos, mais que as vestimentas e aparências exteriores.

Recentemente, José Antonio Boareto (2011) defendeu uma dissertação de mestrado sobre a Bola de Neve Church, na qual afirma que ela se aproxima da terceira onda por dialogar com a modernidade, fazer seu ajustamento à sociedade secular, mas com a

ausência da Teologia da Prosperidade e do Domínio. Para o autor, “sua especificidade está na valorização do sujeito, expressão do diálogo com a modernidade, embora imbuída de sentido pré-moderno de percepção da experiência religiosa marcada profundamente pela realidade mágica” (BOARETO, 2011, p. 67).

Assim, Boareto (2011, p. 69) defende também a ideia de estarmos diante de uma quarta onda pentecostal, na qual impera o que ele denomina “Teologia da Autonomia do sujeito histórico e moderno que através da experiência religiosa ressignifica a vida” e propõe “um evangelismo mais *light* em sua perspectiva sectária e ascética”.

Necessário se faz, portanto, que os pesquisadores voltem seus olhos para essas novas formações religiosas a “nichos de mercado”, em busca de compreender a experiência pentecostal na pós-modernidade com todas as suas vertentes, no intento de estabelecer um novo paradigma de interpretação que dê conta do fenômeno pentecostal no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABUMANSUR, E. S. **As moradas de Deus**. São Paulo: Ed. Cristã Novo Século, 2004.
- BITUN, Ricardo. **Mochileiros da fé: nomadismo religioso e neopentecostalismo**. São Paulo: Reflexão, 2011.
- BOARETO, J. A. **A onda do momento: um estudo sobre a experiência dos jovens adeptos da Bola de Neve Church**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CAMPOS, L. S. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PEREIRA, C.; LINHARES, J. Os novos pastores. **Veja**, São Paulo, n. 1.964, 12 jul. 2006.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120706/p_076.html>. Acesso em: 4 ago. 2011.

PEREZ, L. F. Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira. 2001. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a8-lfreitas.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2012.

[s.n.]. “Na Onda de Cristo”. **Revista Época**, Edição 271, Julho 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI39039-15228,00.html>>. Acesso em: 04 ago. 2011.

SANCHIS, P. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43, 1997.

SAPIR, E. **El lenguaje**: introducción al estudio del habla. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

TURNER, V. **The ritual process**: structure and anti-structure. New York: Cornell University Press, 1982.

VAN GENNEP, A. **The rites of passage**. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

WEBER, M. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: GERTH, H.; MILLS, C. W. (Org.). **Ensaios de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, p. 347-370.

WILLEMS, E. **Uma vila brasileira**: tradição e transição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.